

Um Convite à Cultura:

Nem o império da ordem, nem a inércia do caos

Peter Pál Pelbart¹

Boa noite. Queria agradecer esse convite honroso aos participantes desse Encontro Nacional de Saúde Mental.

Fui solicitado a falar sobre esse tema, Um Convite a Cultura: Nem o Império da Ordem, Nem a Inércia do Caos. Confesso que a ementa da conferência, que acabou de ser lida aqui, sumiu da minha mesa e eu não tenho certeza de ter entendido a encomenda. Agora entendi, mas já é tarde!

Então fiquei girando em torno desses termos, “ordem” e “caos”, como um animal inquieto fuçando um osso raro. E parece que essas palavras já não querem dizer o que diziam há poucos anos atrás. Parece que mesmo as suas forças de evocação não são mais as mesmas de quando Nietzsche dizia: é preciso um pouco de caos dentro de si, para dar à luz uma estrela dançante. É verdade. Desde a antiguidade grega o caos tem para nós uma função dupla. Ora significa ameaça de uma desordem devastadora, com fundo ou sem fundo, na qual corremos o risco de soçobrar. Ora justamente o contrário: é uma potência de reconfiguração do mundo. Aliás, uma das mais belas versões sobre a feitura do mundo é justamente essa, mencionada por Platão. É uma versão que faz do caos um componente do mundo. A versão é simplíssima. Quando o Demiurgo resolveu fazer o mundo, usou dois ingredientes que já existiam e os misturou. E quais são eles? O Mesmo e o Outro. Depois quem quiser pode tentar essa fórmula em casa. Um pouco de Mesmo, um pouco de Outro. Mas ocorreu um acidente. Quando o mundo parecia ter adquirido alguma estabilidade, o Outro escapuliu. Porque é da natureza do Outro tornar tudo aquilo que é de um certo jeito de outro jeito. Ele é um capeta indomável, é um pequeno demônio. E o Demiurgo sentiu muita dificuldade para conter o Outro, para acuar o Outro, a fim de conseguir que o mundo tivesse um mínimo de ordenação. Alguns dizem que ele, Demiurgo, sim, conseguiu acuar o Outro e por isso o mundo é essa mesmice que conhecemos. Outros acham que aquela vitória foi provisória, porque o Outro acabou tomando a revanche e o mundo virou esse caos que todos nós conhecemos. Talvez nenhuma das duas interpretações nos sirva inteiramente hoje. Eu vou tentar explicar o porquê.

Algumas décadas atrás, diante de um contexto de extrema rigidez política, subjetiva, cultural, era freqüente a reivindicação por uma certa potência, por uma certa dissolução dos contornos rígidos, até por uma caotização generalizada. Isso caracterizou um momento da nossa cultura, da nossa política, da nossa subjetividade. É consequência daquele pen-

¹Professor da Pós-Graduação de Filosofia e de Estudos Pós-Graduados de Psicologia Clínica da PUC-SP

samento autoritário, identitário, produtivista. Nós precisávamos de outra coisa. De um arejamento, de uma irreverência, de uma loucura, de uma deriva. Precisávamos não apenas de contestação, mas de experimentações ativas desses limites. De comunidades alternativas de drogas, de músicas, de *happenings*, de *marvins*; precisávamos de delírios. O lugar do louco e da loucura naquele contexto tinha um sentido muito particular, na medida em que eles encarnavam, pelo menos culturalmente, uma desterritorialização que, de algum modo, nos assediava a todos. Mas, nos anos 70, assistimos a um fenômeno muito intrigante: tudo aquilo que, em plena efervescência estudantil, na esteira dos movimentos *hippies*, no caldo dos protestos contra a ditadura, contra a Guerra do Vietnam, tudo aquilo que se reivindicava contra um poder centralizado, hierarquizado, tudo aquilo que se exigia, - mais espontaneidade, mais efetividade, mais criatividade, mais corpo, mais sexo, mais imaginação, mais deriva - tudo isso foi incorporado pelo capitalismo. Uma pesquisa recente concluiu que todo o ideário de 68 foi inteiramente incorporado às novas regras de management que os executivos lembram, na esteira dessas reivindicações libertárias. De modo que as dimensões autonomistas, hedonistas, existenciais e imaginativas migraram para os manuais de administração e para o coração das empresas. Vejam só: a reivindicação por um trabalho mais interessante, criativo, imaginativo, nos anos 60, obrigou o capitalismo, através de uma reconfiguração técnico/científica, de todo modo já em curso, a exigir dos trabalhadores precisamente uma dimensão criativa, imaginativa, lúdica, um empenho integral, uma dedicação pessoal, uma dedicação mais afetiva, uma intimidade com o aleatório, com o imprevisível e até com o caótico. Claro que isso implicava um desmanche das estruturas rígidas, hierárquicas, autoritárias, herdadas de um sistema fordista; implicava num funcionamento mais aberto, flexível, e, num certo sentido, mais autônomo e horizontalizado. Enfim, quero dizer que se desenhou, a partir dos anos 70, através desse estímulo a uma deriva, a uma maleabilidade sem precedentes, uma espécie de capitalismo em rede, de capitalismo conexcionista.

O capitalismo se apropriou daquele ideário que tinha se contraposto a ele nos anos 60. Que o capitalismo tenha se reapropriado desse espírito libertário, dessa lógica, não pode deixar-nos indiferentes. De fato, desde então houve uma estranha abertura de tudo, que alguns chamam de flexibilização, outros de precarização. Em todo caso, uma nova maleabilidade se instalou. No entanto, ela foi acompanhada de um novo controle. Como diz Deleuze: passamos de uma sociedade disciplinar para uma sociedade de controle. Se há algumas décadas atrás tudo funcionava na base do confinamento e da vigilância - família, escola, fábrica, caserna, hospital, manicômio - hoje, cada vez mais, tudo se desconfinava, todos se movem em espaço aberto, porém com um monitoramento incessante. Exemplo o mais banal: em alguns países, presos circulam livres pela cidade, mas com coleira eletrônica. Portanto, dá para saber o tempo todo onde é que eles estão, o que é que eles estão fazendo. Liberdade, flexibilidade, mobilidade e controle incessante. Nós também andamos soltos por toda parte, livres, mas o nosso celular é a nossa coleira eletrônica. "Querida, onde é que você está?" " Querido, o que é que você está fazendo?" "Meu filho, com quem você está?" "Minha mãe, quando é que você volta?" E assim todos se controlam o tempo todo sem cessar. E o controle já não vem de cima, de um centro, de um grande irmão, mas vem do lado, do parceiro, do companheiro, do rival, controle contínuo, sistema horizontal, acentrado.

Também na Saúde e na Saúde Mental ocorreram mudanças complexas que, talvez, nos próximos dias, serão debatidas à luz desta mutação importante. O que eu quero dizer é

que o poder mudou de figura. Ele já não vem de um grande centro, de uma pirâmide hierárquica, ele é mais esparramado, diluído, funciona em rede, através de mecanismos múltiplos, e por isso mesmo fica mais difícil de localizá-lo, de detectar os seus protagonistas, de saber de onde emana e quais objetivos tem. É que, em suma, o poder virou pós-moderno. Ele inventou uma nova combinação entre a ordem e o caos, entre o previsível e o imprevisível, entre a determinação e a indeterminação, entre a tirania e a liberdade, entre a destruição e a construção. É preciso reconhecer, então, que estamos diante de uma nova realidade. A essa realidade alguns autores, na esteira de Foucault e Deleuze, deram o nome de "Império". O Império, dizem Toni Negri e Michael Hardt, é essa estrutura de poder em rede que se generalizou e se disseminou por todo o globo, que engloba a totalidade do espaço do mundo. Nada está fora do Império. Mas, sobretudo, o Império penetra fundo na vida das populações, nos seus corpos, nas suas mentes, na sua inteligência, no seu desejo, na sua afetividade. Jamais uma ordem política avançou a tal ponto em todas as dimensões, tanto extensiva como intensivamente, recobrando a totalidade da existência humana. Estamos pois diante de uma situação que poderia ser formulada como segue: o poder tomou de assalto a vida. Isto é: o poder penetrou em todas as esferas existentes, e as mobilizou inteiramente, e as pôs para trabalhar, mesmo aquelas esferas que algumas décadas atrás se invocava para contrapor-se ao poder. Desde os genes, o corpo, a afetividade, o psiquismo, a inteligência, a imaginação, a criatividade, tudo isso foi violado, invadido, colonizado, quando não diretamente expropriado pelos poderes. Os mecanismos diversos pelos quais esses poderes se exercem, como eu disse, são cada vez mais anônimos, esparramados, rizomáticos; o poder se tornou ondulante, acentrado, reticular e por isso ele incide ainda mais fundo nas nossas maneiras de perceber, de sentir, de amar, de pensar e até mesmo de criar. E ele nos atravessa por dentro, atingindo uma dimensão até mesmo virtual da nossa existência. Curioso! Se antes ainda imaginávamos ter espaços preservados da ingerência direta dos poderes - por exemplo, o corpo, ou o inconsciente, ou mesmo o futuro; se tínhamos a ilusão de preservar em relação aos poderes alguma autonomia nessas esferas, hoje a nossa vida parece integralmente subsumida a tais mecanismos de modulação de existência. Até mesmo o sexo, a linguagem, a comunicação, a vida onírica, nada disso preserva qualquer exterioridade em relação a esses mecanismos de controle e monitoramento. Para resumir em uma frase: o poder já não se exerce nem de fora, nem de cima, mas como que por dentro, pilotando a nossa vitalidade social de cabo a rabo. Não estamos mais às voltas com um poder transcendente ou mesmo repressivo que pudéssemos localizar num palácio, num centro, numa pirâmide. Trata-se de um poder mais molecular, mais produtivo que captou o nosso desejo, a nossa alma, até mesmo o aleatório da nossa existência. E somos nós que queremos o celular, ninguém nos impõe. E queremos controlar nosso peso, nossa beleza, nossa performance sexual, nosso desempenho intelectual, nosso equilíbrio mental, nosso prozac, nossas drogas, nossas meditações. Em outras palavras, é uma modalidade de poder que poderíamos chamar de biopoder, que não visa reprimir a vida, mas que intensifica a vida, otimiza a vida; mas também é um poder pelo qual nós nos encarregamos, cuja gestão cabe a nós mesmos. Daí essa extrema dificuldade em resistir. Já não sabemos onde está o poder e onde estamos nós. O que é que ele nos dita? O que é que dele queremos? Nós próprios nos encarregamos de administrar nosso controle. Eu repito: nunca o poder chegou tão longe e tão fundo no cerne da subjetividade e da própria vida. Mesmo nas manifestações mais desordenadas, mesmo nessa liberdade caótica

de que nós dispomos, mesmo com essas ondas de rádio, televisão, cinema, informação em que surfamos ao nosso bel-prazer nós incorporamos normas, nos encarregamos do nosso monitoramento, gerimos uma excitada docilidade. Bastaria citar o exemplo das revistas semanais brasileiras e suas recomendações de auto-monitoramento da saúde física e psíquica, verdadeiros manuais de auto-ajuda para à vida sexual, alimentar, neuronal, mas também afetiva, econômica e social.

Como se vê, o quadro não é animador se visto apenas dessa perspectiva; mas é preciso, obviamente, como diria Benjamin “escovar isso a contra pêlo”. Porque isso é apenas uma face da moeda. Seria preciso evocar o avesso disso tudo. Pois quando parece, como diz o *rap*, que “está tudo dominado”, o que aparece é uma constatação das mais surpreendentes. Há algumas décadas atrás, para produzir qualquer mercadoria era preciso um capitalista, dinheiro, maquinário, um galpão, etc. Hoje, parece que as máquinas migraram para dentro da cabeça da gente. No bom sentido. A verdadeira máquina, hoje em dia, é a inteligência. A inteligência que está na cabeça de cada um. Juntam-se três garotos e um computador e já se tem uma baita usina de criatividade. Assim essa inteligência, essa criatividade, essa linguagem que mais e mais é o cérebro da produção capitalista, essa linguagem, essa criatividade, essa inteligência não pertencem a nenhum capitalista, não pertencem sequer ao Império. É de todos e de cada um. De modo que a inventividade, a imaginação, a criatividade não são monopólios dos gênios, nem dos milionários, mas é patrimônio do homem comum. Alguns teóricos italianos, como Maurício Lazzarato, chamam cada vez mais a atenção para esse aspecto. A força de invenção, essa inteligência, essa potência de inovar está em cada um de nós, está em todos. O próprio capitalismo começa a entender isso. Quando a indústria de modas manda olheiros para ver que tipo de estilo as pessoas da rua estão inventando e aí essa indústria começa a produzir uma cópia de tal estilo, é óbvio que a invenção está na rua e que a empresa, apenas, anda a reboque. Ela vampiriza essa força de invenção. A conclusão é uma só: tal potência de vida, que está disseminada por toda parte, nos obriga a repensar os próprios temas da resistência. Poderíamos resumir esse movimento do seguinte modo: se existe sim, como tentei mostrar, o poder sobre a vida, que parece a cada dia mais invasivo, existe em contra-partida uma potência da vida disseminada por toda parte, que se revela, a cada dia, mais imprevisível, mais indomável e mais impulsiva. A essa vitalidade social poderíamos chamar de biopotência. Por um lado o biopoder, o poder sobre a vida. E por outro lado a biopotência, potência da vida.

Então, está concluído esse primeiro pedacinho, que quero articular com um tema mais familiar a todos aqui. Se o Império parece um monstro insaciável, a verdade é que ele é apenas um vampiro. Sem o sangue da multidão ele não é nada. E a multidão, o que é? Não é uma massa de gente compacta, igualzinha. A multidão, segundo esses autores, é justamente essa diversidade de pessoas, essa multiplicidade de jeitos, de estilos, de vontades, de afetos, essa heterogeneidade imensa, com sua riqueza de criação, de sociabilidade. A multidão, portanto é imprevisível, incomensurável, ela é inadmissível. A multidão não tem centro, não tem unidade, não tem totalidade, ela não tem um rumo único, vai a várias direções, ela produz várias linhas, ela é composição, agenciamento, diferenciação. Então é muito difícil pensá-la no seu conjunto. Ainda bem. Ela escapa por todos os lados. Como diz Deleuze, “ela é atravessada por linhas de fugas em todas as direções”. Ela parece caótica, mas não é. Talvez um dos desafios, hoje, seja pensar essa lógica da multidão, constituída por

singularidades tão diferentes, tão díspares, tão heterogênea, mas que justamente em meio a esse aparente caos vai constituindo coisas comuns, territórios de existência compartilhados, campos de sensibilidade. Não é só o espaço público tradicional que o Estado deveria sustentar; trata-se de espaços comuns que se vão testando à revelia do espaço público, à revelia do espaço privado.

Eu quero dizer o seguinte: não está nada dado. Trata-se de um certo construtivismo do comum. Como construir o comum a partir dessa biopotência, dessa potência de vida da multidão? Eu diria assim: a multidão, essa multidão heterogênea, essa potência de vida é um reservatório de possíveis. Por vezes, temos dificuldade em enxergar esses possíveis, tão soterrados que estamos pelas formas de dominação hegemônicas.

Bem, vocês vão me perguntar, com razão, o que isso tudo tem a ver com Saúde Mental, com os loucos, com as nossas práticas, com os equipamentos de atendimento, etc. Não quero convencer ninguém que este contexto pós-moderno, biopolítico, que alguns chamam de Império, seja o pano de fundo contemporâneo das nossas práticas diversas. E eu, na medida em que me debruço sobre essas dimensões políticas, filosóficas, até por força do ofício, estou convencido de que tudo isso está inteiramente presente, como um grande pano de fundo, em vários trabalhos que vejo à minha volta. Portanto, para ilustrá-lo, vou falar, muito humildemente, de um minúsculo, um pequeno trabalho que coordeno com usuários de Saúde Mental, já há nove anos, numa trupe chamada Companhia Teatral Ueinz. Por isso eu dizia que sou usuário de Arte. Certa vez, junto com todos os atores, estávamos numa mesa, e cada um dos atores foi se apresentando: “Eu sou usuário de Saúde Mental do hospital tal”. Aí, chegou a minha vez e eu disse: “Eu sou usuário de teatro”

Então, eu queria falar um pouquinho dessa experiência e a partir deste pano de fundo, para ver se dou um pouco mais de concretude a isso que eu expus há pouco. Essa trupe de teatro que coordeno é uma espécie de Nau de Insensatos, que nasceu no Hospital-Dia A Casa, há nove anos atrás, e que depois de alguns anos se tornou inteiramente independente de qualquer contexto hospitalar psiquiátrico. Nós montamos três peças diferentes, já fizemos mais de cem apresentações em São Paulo, Fortaleza, Porto Alegre, Brasília, Rio, também, em Belo Horizonte estivemos recentemente, e fomos para a França no ano passado. Não é minha intenção fazer qualquer *merchandising*. Eu quero apresentar muito brevemente essa experiência, insistindo em que isso não é exemplo para ninguém, não faço disso um modelo para nada, é apenas um pequeno laboratório no sentido mais cênico e subjetivo da palavra. Nesse macro-contexto que descrevi há pouco vou tentar fazer uma ponte entre as duas coisas no final.

Vou contar um pouquinho da última peça que fizemos, chamada Gotham SP, baseada na Gotham City, do Batman. Nessa cidade imaginária, Gotham SP, há um prefeito anarquista que toda noite, do alto da sua torre, esbraveja indistintamente contra magnatas, prostitutas, psiquiatras. Ele promete mundos e fundos, ele promete o controle e a anarquia, o pão e a clonagem. Nessa noite, uma noite especial que estou contando, este ator antes de entrar em cena pede um Lexotan, porque mal consegue acreditar no que ele vê: a Martha Suplicy vai assistir à peça e ela já está lá no público esperando. E o prefeito da cidade imaginária não sabe o que fazer com a prefeita da cidade real: protestar, competir, seduzir, acanhar-se?!

Gotham SP tem, também, um imperador muito velho além do prefeito. Um impera-

quase cego, quase surdo e quase mudo. E ele é o destinatário de muitas vozes perdidas nessa cidade. Mas o imperador é tão caquético que ele não pode nada. Ele não tem poder nenhum sobre essa polifonia que se multiplica à sua volta. E a partir daí cada um dos seres que comparecem em cena carrega o seu corpo frágil, o seu mundo gelado ou tórrido, e a partir do isolamento de cada um desses personagens eles parecem anunciar uma outra comunidade de almas, um outro jogo entre as vozes, que eu poderia chamar de uma comunidade dos que não têm comunidade. Então, talvez, a Companhia de Teatro Ueinzz seja, para esses sujeitos, algo dessa ordem. Passam meses no marasmo de ensaios semanais e, às vezes, se perguntam se de fato, algum dia, apresentaram-se ou se voltarão a apresentar-se. Alguns atores desaparecem, patrocínios mingam, textos são esquecidos, a companhia parece manter uma virtualidade impalpável. E de repente surge uma data, um teatro disponível, um mecenas, um patrocinador, um convite, o vislumbre de uma temporada; e aí o figurinista recauchuta os trapos empoeirados, uma pizzaria doa aos atores aquela pizza, inescapável, que antecede a cada apresentação, o boca a boca compensa a divulgação mambembe, atores sumidos há meses reaparecem, às vezes até fugidos de uma internação. Um campo de imantação é reativado e prolifera. Os solitários vão se enganchando, os dispersos se convocam, mutuamente, um coletivo feito de singularidades díspares se põe em marcha, num jogo sutilíssimo de distância e ressonância, de celibatos e contaminações, compondo o que chamaríamos de um agenciamento coletivo de enunciação. Mas, mesmo quando tudo dá certo, isto é, quando tudo vinga, é no limite tênue que separa a construção do desmoronamento. Eis o exemplo do ator, que no momento em que se transforma no barqueiro que vai levar Orfeu até Eurídice, ao invés de conduzi-la em seu barco, rumo ao Inferno, sai do palco pela porta da frente do teatro em direção à rua, onde minutos depois eu o encontro sentado na mais cadavérica imobilidade, balbuciando a exigência de uma ambulância: havia chegado a sua hora de morrer. Ele sentado, todo maquiado, eu também todo maquiado chego ao seu lado e ele me diz: - "Vou para o charco!" - "Como assim?", pergunto eu. E ele: - "Vou virar sapo" . - "O príncipe virou sapo", eu respondo carinhosamente, pensando que nessa nossa primeira turnê artística ele viaja com a sua namorada recente, é como uma lua de mel. Mas ele responde de modo inesperado: - "Mensagem para o ACM". Sem titubear eu digo: - "Eu estou fora. Não sou amigo do ACM. É melhor mandarmos o ACM para o charco e ficarmos nós dois do lado de fora".

A situação se alivia e ao invés da ambulância ele pede um hambúrguer do MacDonaldis. Nós conversamos sobre o resultado da loteria que apostamos juntos e o que faremos com os milhões que nos esperam. Ouço os aplausos finais vindo de dentro do teatro, e o público começa retirar-se pela portinhola pela qual esse ator passou. O que o público, as trezentos e cinqüenta pessoas, vêem na saída para a rua é Hades, rei do inferno (eu) ajoelhado aos pés do barqueiro Caronte, morto-vivo, pelo que recebemos uma reverência respeitosa de cada espectador e um aplauso empolgado; essa cena íntima parecia fazer parte do espetáculo. Por um triz nosso narrador não se apresentou. Por um triz ele, sim, se apresentou. Por um triz ele não morreu. Por um triz ele viveu. E tudo isso faz parte da cena. A morte, o acaso, o triz.

Então, queria tentar lhes contar uma ultimíssima idéia antes de concluir. A matéria-prima nesse trabalho teatral é a subjetividade singular dos atores e nada mais. A subjetividade dos atores é que está em cena. Para fazer uma ponte louca: o que caracteriza o trabalho

imaterial tendencialmente predominante no capitalismo de hoje é que qualquer mercadoria, para ser produzida, exige, sobretudo, a subjetividade de quem a produz. No limite, até o sono e as crises dos trabalhadores são postos para trabalhar. Por exemplo, quem trabalha em agência de publicidade acorda e diz: - "Eu tive um sonho. Boa idéia para a publicidade!" Por outro lado, essas coisas imateriais que são produzidas, hoje, informação e serviço, afetam e formatam, sobretudo, a subjetividade de quem as consome. Isso é: a nossa. Afetam as nossas maneiras de ver, de sentir, de desejar, de gozar, de pensar, de perceber, de morar, de vestir, em suma, de viver.

Então, o que eu quero dizer é o seguinte: também esse teatro que acabei de mencionar é feito de subjetividade. Requer a subjetividade daqueles que o fazem e afeta a subjetividade daqueles que o assistem. Então - sei que estou forçando um pouco e também resumindo muito - mas nessa perspectiva, e voltando, ao tema mais geral que me propus a tratar no começo, se é óbvio que hoje em dia o capital se apropria da subjetividade e das formas de vida, numa escala nunca vista, o contrário também é verdadeiro. A subjetividade é ela mesma o que poderíamos chamar de capital biopolítico. Isto é: um capital de vida. É um valor de que cada vez mais cada um de nós dispõe virtualmente, loucos, índios, detentos, todos e qualquer um, e cada qual com a forma de vida singular que lhe pertence ou que lhe é dado inventar. É nesse horizonte que, ao meu ver, seria preciso situar essa referida experiência de teatro. Se é a subjetividade que ali é posta para trabalhar, o que está em cena é uma maneira de perceber, de sentir, de vestir-se, de mover-se, de falar, de pensar - muito singulares essas maneiras todas, e é isso que faz essa arte. Mas também é uma maneira de representar sem representar. De associar dissociando. De viver e de morrer. De estar no palco e sentir-se em casa, simultaneamente. Nessa presença precária a um só tempo plúmbea e impalpável, que leva tudo extremamente a sério e ao mesmo tempo não está nem aí. Por exemplo: ir embora no meio do espetáculo, atravessando o palco com a mochila na mão, porque a sua participação já acabou. Ou largando tudo, porque chegou a sua hora e vai morrer em breve. Ora atravessar, interferir em todas as cenas como um líbero de futebol, ora conversar com o seu ponto, que deveria estar oculto, denunciando sua presença, ora virar sapo, ora dormir, ora coaxar. O cantor que não canta, quase como a Josefina de Kafka. A dançaria que não dança. O ator que não representa. O herói que desfalece. O imperador que não impera. O prefeito que não governa. A comunidade dos que não têm comunidade. Eu não consigo deixar de pensar que é esta vida em cena, vida por um triz, que faz com que tantos espectadores chorem em meio às gargalhadas, na certeza de que eles, os espectadores, é que são os mortos vivos. E que a vida verdadeira está do lado de lá do palco.

Então eu diria assim: num contexto marcado por tamanho controle e ordenação da vida, que chamamos de biopoder, as modalidades de resistência vital proliferam de maneiras as mais inusitadas. Uma delas consiste em pôr, literalmente, a vida em cena. Não a vida nua e bruta, como diz um filósofo chamado Agamben. Não a vida besta, a vida do *Homo otarius*, como diz Zizek, não a vida reduzida pelo poder ao estado de sobre-vida. Mas, sim, a vida em estado de variação. Esses modos menores de viver que nos habitam e que nos rodeiam e com os quais nós, na maioria, aqui, trabalhamos. Esses modos menores de viver que no palco, às vezes, ganham visibilidade cênica, legitimidade estética e consistência existencial, introduzindo em nossa vida besta essa dose de Outro, de supressão, de caos, sem a qual morreríamos de tédio. No âmbito restrito ao qual me referi, aqui, o teatro pode ser um dis-

positivo entre outros, para a reversão do poder sobre a vida em potência da vida. E o alcance desta afirmação, ao meu ver, extrapola em muito a loucura ou o teatro. Permitiria pensar a função de dispositivos multifacetados, ao mesmo tempo políticos, estéticos, clínicos. Cabe-ria pensar, então, a função destes dispositivos na reinvenção cotidiana das coordenadas de enunciação da vida.

Então, para concluir: nas condições subjetivas e afetivas de hoje, com as novas formas de ligação e de desligamento, de gestão da ordem e do caos; nesse contexto em que estamos, diante dessa multidão contemporânea, um dispositivo minúsculo como esse que apresentei - e certamente, vocês teriam inúmeros exemplos similares - ressoa com as urgências maiúsculas do presente.